

Psicanálise e Criação Literária¹

Maria José Martins de Azevedo²

1

Artigo recebido em 7 de Julho de 2019 e aceite para publicação em 19 de Setembro de 2019.

2

Psicóloga clínica, psicoterapeuta, psicanalista e escritora. Formadora na Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP), membro da IPA (Associação Internacional de Psicanálise), da FEP (Fédération Européenne de Psychanalyse) e da SEPEA (Société Européenne pour la Psychanalyse de l'Enfant et de l'Adolescent). *E-mail:* mjmazevedo@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo, estuda-se a influência da literatura na construção da teoria psicanalítica no que concerne aos seguintes aspetos: enquanto método de exposição e de ensaio, enquanto objeto de inspiração e de enunciação de paradigmas psíquicos e enquanto objeto da psicanálise. Para o desenvolvimento deste estudo, relevamos o lugar que a literatura ocupou na obra do fundador da psicanálise, Sigmund Freud. Foi através da literatura e da sua ancoragem literária que o fundador efetuou na cultura a sua emergência catalisadora. É a partir desta ancoragem que emerge da ciência por ele criada, e é através dela, ainda, que vislumbramos uma das razões que justificam a atualidade da sua obra, ou seja, a circunstância da sua intemporalidade. Neste sentido, é também colocada em análise a questão da dupla faceta do mestre, a literária e a científica, para a construção da sua obra.

PALAVRAS-CHAVE

Psicanálise
Criação literária
Literatura
Dupla identidade psicanalista-escritor

INTRODUÇÃO

Ao lermos a obra de Freud, somos confrontados com a pergunta: poder-se-á considerar Freud um escritor, para lá de ter sido o primeiro psicanalista e o fundador da psicanálise? Que relações poderemos estabelecer entre a criação da psicanálise e a criação literária?

A criação literária interessou desde sempre a psicanálise, e o seu fundador manteve com ela, em vida, uma relação profunda de inspiração, de admiração e de conhecimento. Refiro, a título ilustrativo, escritores e poetas, como Goethe, Thomas Mann, Stefan Zweig, Mark Twain, Hoffmann, Rainer Maria Rilke, Henrich Heine, Romain Rolland, Arthur Schnitzler, que o inspiraram, tendo, com alguns deles, estabelecido uma relação epistolar (Pontalis, J.-B., 2014; Prater, D. *et al.*, 2004) ou uma confraternização na qual encontrava alento. Da criação literária, extraiu, no meu entender: um método de exposição e de ensaio, um objeto de inspiração e de enunciação de paradigmas psíquicos e um objeto de análise. Serão estes os principais aspetos que iremos abordar ao longo do presente artigo.

O GÉNERO LITERÁRIO ENQUANTO MÉTODO EXPOSITIVO E DE ENSAIO NA PSICANÁLISE

Enquanto método de exposição e de ensaio, foi a partir da cura pela fala, descoberta com o caso Anna O., que Freud estabeleceu pela escrita uma contrapartida científico-literária: a do registo do sintoma. Esta articulação com a criação literária ocorreu sobretudo desde o caso Dora, no qual evidenciou o seu dom e a sua bagagem literária de juventude. Foi a partir do tratamento dos casos de histeria e da sua narrativa que instituiu os pilares da linguagem, a oral e a escrita, como as fundações da psicanálise, e foi pela escrita do caso que se descobriu um autor inspirado, um investigador e um mestre. A clínica é, por si, apontada como fonte de saber, e a metapsicologia como uma elaboração ou uma superestrutura: «teorizar é importante, mas não impede as coisas de existirem» (Freud, S., 1969 [1892, 1905, 1917]). Esta teorização foi também realizada com mestria, e o prazer da sua leitura foi decerto decisivo na atribuição do prémio Goethe, o único que recebeu em vida, o qual, não sendo literário, deteve o nome de um imortal da literatura. Tal circunstância conduziu Pontalis (2014) a reconhecê-lo como escritor, comparando-o a Hermann Hesse e a Thomas Mann.

Nota: este artigo está escrito conforme o recente Acordo Ortográfico.

O próprio Freud parecia identificar-se secretamente com um escritor. Apoiando esta hipótese, nomeamos quatro factos: o primeiro, através de uma referência ao seu livro intitulado *Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci* (1969 [1910a]) como a obra mais bela que havia escrito; o segundo, o título inicial que havia dado à obra *O homem Moisés e a religião monoteísta* (1934) era *O homem Moisés, um romance histórico* (Santos, V., 2017); o terceiro, a circunstância de ter mantido na obscuridade epistolar o facto de considerar o escritor Arthur Schnitzler como um seu duplo (Chaves, E., 2016); e o quarto, o facto de Schiller habitar o seu teatro onírico (sonhos *non-vixit*, 1900, pp. 455, 512, 545, e *Marburgo*, 1901).

Schiller representou para Freud, desde a sua adolescência, uma poderosa figura de identificação. Participante do movimento *Sturm Und Drang* — que representou uma reação ao neoclassicismo e foi um precursor do romantismo: favorecia a criatividade artística, a beleza da natureza e a subjetividade —, juntamente com Goethe, Herder e Haydn, Schiller desempenhou um papel inspirador e determinante no valor que Freud atribuiu ao belo, à liberdade e ao homem total. Identificamos Freud posicionado entre as duas pulsões, numa autorrepresentação do homem total, a imagem do artista, aquele que surge da união entre o inconsciente e a reflexão. Freud terá tido, além de Schiller, muitos duplos. O nome mais referenciado foi o do médico Wilhelm Fliess, mas foi com os poetas e os escritores que estabeleceu esta forte corrente empática e criativa, uma relação que constitui o subsolo imaginativo e fermentador da psicanálise. A eles reconheceu o «poder poético, o intuitivo e a profunda compreensão psicanalítica» (Shaeffer, *in* Freud, S., 1969 [1919], p. 260), os quais representavam, afinal, segundo a sua teoria do duplo (1919), os seus próprios poderes. A sua identidade de escritor foi, talvez, por si mantida em segredo por considerar que tal prejudicaria a afirmação da psicanálise como ciência.

A CRIAÇÃO LITERÁRIA ENQUANTO OBJETO DE INSPIRAÇÃO PSICANALÍTICA

Enquanto objeto de inspiração e de enunciação de paradigmas psíquicos, a criação literária, com as suas personagens e autores, constituiu terreno fecundo para Freud. A eles aplicou o mesmo método da investigação psicanalítica, qual Sherlock Holmes, como a si próprio se referiu numa auto-comparação (Freud, S., 1969 [1917a], p. 11). A título exemplificativo, mencionam-se, entre as muitas análises que compõem a sua obra: as do carácter de Ricardo III e de Lady Macbeth (Freud, S., 1969 [1916]), nas quais dissecou as transformações do desejo e as metamorfoses da representação materna no percurso da vida; os estudos de carácter de Hamlet, de Otelo e do seu

autor, Shakespeare, o qual o impressionou tanto que é por si citado setenta e oito vezes ao longo da sua obra, segundo o índice de Strachey; as investigações psicanalíticas de *Os Irmãos Karamazov* e do seu autor, Dostoiévski (Freud, S., 1969 [1928]), aquando do estudo e desenvolvimento dos mecanismos de enfraquecimento e de ocultamento do desejo de morte do pai; e ainda as análises dos textos de Sófocles e da figura de Rei Édipo. As personagens de Édipo e de Narciso, que deram os seus nomes aos complexos psíquicos mais conhecidos, foram soerguidos, recuperados e atualizados: de personagens da literatura clássica, cujo destino provável seria o esquecimento (Roudinesco, E., 1999, p. 154), foram convertidos a personagens atuais com função de mitos universais organizadores da mente e da metapsicologia.

A CRIAÇÃO LITERÁRIA ENQUANTO FONTE ENUNCIATIVA DE PARADIGMAS PSÍQUICOS

Freud recorre ao saber e à intuição dos poetas para elaborar as suas teorias. Aproxima-se de Schiller, citando-o, por exemplo, aquando da edificação da teoria pulsional, concretamente a dualidade psíquica da pulsão de vida e a sexual, para expressar a ideia da dominância da mente por parte dos instintos orgânicos (Freud, S., 1969 [1910b], p. 224): a fome e o amor «movem o mundo» e constituem «a verdadeira filosofia», «enquanto se espera que a razão o venha a fazer» (carta à noiva, de 1884, *in* Gay, P., 1989, p. 58; Freud, S., 1969 [1930], p. 139). Recorre a Romain Rolland para analisar o sentimento oceânico (Mijolla-Mellor, S., 2004), transportando-o da investigação da crença religiosa para a do desamparo humano.

Os coevos e seguidores de Freud mantiveram esta tradição de diálogo inspirador com a criação literária. Refiro a título exemplificativo Ernest Jones (1967 [1949]), com o trabalho sobre Hamlet e Édipo; Ella Sharpe (1967 [1929]), com o estudo psicobiográfico de Edgar Allan Poe; Maria Bonaparte (1973 [1945]), com a análise de um conto de Sade, *Histoire de Juliette, ou les prospérités du vice*, que lhe proporcionou a base para o estudo do masoquismo enquanto precursor do sadismo e da crueldade na luxúria; Otto Rank (2013), com nove livros de análise de escritores como Hoffmann, Chamisso, Dostoiévski, Poe e Maupassant; Melanie Klein, em cuja obra é possível identificar as influências das leituras de Nathalie Sarraute, de Francis Ponge e de Dante Alighieri (David, N., 2003), extraindo da tragédia grega de Ésquilo o que alguns consideram ser o «complexo de *Oresteia*» (Klein, M., 1963; Alford, C., 1990; Grosskurth, P., 1987; Jacobs, A., 2008), para a abordagem da génese do matricídio e da maior ansiedade do homem que, sendo incapaz de discernir o bem do mal, o amor do ódio, mergulha num estado confusional para, em seguida, destruir

e perder tudo o que mais ama. Também a partir da obra *If I Were You*, de Julien Green, Klein extrapolou o conceito de identificação projetiva, o qual mudou a história e a prática da psicanálise (Klein, M., 1985 [1955]; Ogden, T., 1992).

A CRIAÇÃO LITERÁRIA ENQUANTO OBJETO DA PSICANÁLISE

Enquanto objeto de análise propriamente dito, o estudo da criação literária permitiu o retorno à clínica. A análise do processo criativo, iniciada com a autoanálise de Freud e dos seus sonhos, direcionou-o para a descoberta da presença de mecanismos psíquicos comuns aos sonhos, à criação literária, aos mitos e aos sintomas histéricos, a saber: o papel do trabalho do inconsciente; a dinâmica entre conteúdos manifesto/latente; a presença das lembranças infantis, individuais/coletivas, estruturantes; e a marca do desejo que as move.

Para Freud, é através da criação (1969 [1917b]) que o artista melhor consegue iludir o conflito e ser mais bem-sucedido na realização do desejo, bem como no evitamento do desprazer. Freud considera a existência de um caminho que conduz o artista da fantasia de volta à realidade: esse é, nada mais nada menos, do que o caminho da arte (*ibidem*, p. 377). Tal capacidade deve-se a três grandes ordens de fatores. Primeiro, porque o artista dispõe de utensílios que o homem comum não possui, a saber: a arte do ocultamento poético, da qual fazem parte também a ordem estética e a de substituição. Estes utensílios permitem ao artista criador a realização do desejo, sem a emergência das emoções penosas, tais como a vergonha e a culpa, emoções associadas aos conteúdos psíquicos em causa. Segundo, porque, tendo êxito, o artista consegue alcançar através da sua criação o reconhecimento dos outros, e, por esse facto, alcançar aquilo que não imaginara conseguir na fantasia: o amor sexual, a satisfação narcísica e a resolução da angústia de castração. Terceiro, porque o artista possui, na sua constituição psíquica, maior capacidade para a sublimação e para a sua recuperação, na circunstância de aquela ter sido perdida devido à repressão que havia sofrido.

VINHETA CLÍNICA

É o caso de um jovem adulto que preenche as sessões ora com a angústia de não vir a alcançar o sucesso almejado com a sua produção literária, ora com a angústia de perder definitivamente a inspiração por causa da psicanálise. Na verdade, quando consegue enfrentar a inibição, a via da escrita oferece-lhe um escape substitutivo muito satisfatório para as suas ansiedades de impotência; quando não, só a psicanálise o afasta da ideação suicida. As sessões preenchidas com a exibição dos seus sucessos, pretendem, de um só golpe, encobrir a inferioridade narcísica e alcançar, na

relação tranfero-contratransferencial, a narcisização da identidade sexual, tarefa em cuja realização o objeto havia falhado na infância do paciente. Essas sessões complementam-se com outras, em que o estado de espírito é bem diverso: o da perplexidade e do afundamento emocional perante a rejeição de contacto físico por parte da mulher amada. Esta rejeição replica no fantasma do paciente, bem como na própria realidade, a castração primária sofrida no passado. Nestes momentos, perde a capacidade criativa, no entanto, logo que a retoma, pela escrita, o seu humor melhora. Alimenta as sessões com os relatos da sua criação, os quais representam sonhos acordados, devaneios literários que permitem não só o escape da angústia como também, pela sua representação, alguma transformação e a elaboração mais profunda.

A MULTIDETERMINAÇÃO PSÍQUICA DO FENÓMENO DA CRIAÇÃO LITERÁRIA

Assim, podemos afirmar que a criação literária, à semelhança de todos os fenómenos psíquicos, é multideterminada. Ela pode representar uma expressão da conflitualidade psíquica, um sintoma, mas também pode constituir a expressão de uma parte saudável da mente. Pode ser uma fuga autista de desrealização ou um refúgio na fantasia, um modo de gerar experiência de contacto com o *self* primitivo formado a partir da delimitação sensorial (Ogden, T., 1991), diríamos, neste caso, a escrita em substituição da vida. Mas a criação literária pode constituir ainda um modo de elaboração de um trauma através do recordar, do repetir e do elaborar, processo do qual não se exclui a ab-reação libertadora dos afetos dolorosos, de que são exemplos os relatos de casos de vítimas do Holocausto (Felman, S. & Laub, D., 1992; Frankl, V., 2006; Grimbart, P., 2004; Waintrater, R., 2003, 2017). E pode ainda representar, no sentido *winnicottiano*, uma recriação do espaço potencial (Winnicott, D., 1975), a área intermediária entre a realidade e a fantasia, o lugar onde nos é permitido viver e expressar o nosso verdadeiro *self* através da comunicação significativa que dá sentido à vida e permite o caminho na sempre incompleta e dura tarefa da adaptação à realidade, sem que a ela nos submetamos. O conceito de espaço potencial, lugar onde pode nascer a obra literária, tem, em nosso entender, uma relação com o pensamento de Freud, quando este afirma que a obra literária, enquanto devaneio, é uma continuação, ou um substituto, do que foi o brincar infantil (Freud, S., 1969 [1908], p. 141).

A criação literária está também intimamente relacionada com a capacidade de formação de símbolos. Este aspeto é desenvolvido por Klein, Susan Isaacs e Bion, tendo encontrado um momento maior em Marion Milner (Milner, M., 1952). Diz-nos esta autora e psicanalista

que é a necessidade de reconhecer o familiar no desconhecido e o desconhecido no familiar o que caracteriza o ato criador, e que a angústia perante o desconhecido, a angústia perante a realidade da desvinculação e a angústia da separação, com todas as ansiedades a elas associadas, são ultrapassadas (Stefana, A., 2019). O ato criativo é compreendido como uma viagem que implica a tolerância à perda temporária do sentido do *self* e das suas capacidades objetivas de análise.

E, para finalizar, sublinhamos a importância da capacidade associativa para a criação literária, lembrando Freud e o método da associação livre por si estabelecido a partir da correspondência de Schiller com Körner, como base, quer para a psicanálise quer para a criação literária. Refere Freud: «Os que estão familiarizados com a literatura psicanalítica recordarão neste ponto a interessante passagem, na qual o famoso poeta e pensador recomenda a todos os que desejem ser produtivos, a adotarem o método da associação livre.» (Freud, S., 1969 [1920], p. 278)

Esta afirmação de Freud permite-nos considerar que a analogia entre as disposições recetivas e livre associativas de ambas as mentes, a psicanalítica e a poética, no devir do ato psicanalítico e no devir do ato criativo poético, a impermanência da experiência em si, assim como as marcas que perduram dessa relação nos conduzem por associação livre ao poema intitulado «das margens» do poeta António Vera: «à passagem do rio/as margens sentem/quem por elas passou/revolto ou lento//águas de toda a cor/umas de cor azul/outras de cor barrenta//margens que enquanto o bebem/ recebem os despojos/contados nos relógios/de seus tão vários tempos//horas dos campos verdes/ /horas do rio sumindo/nas fendas do deserto//que tudo hão de sugar chegado o tempo//de só haver as margens/do já bebido rio/do já suspenso tempo»³.

ABSTRACT

This article studies the influence of literature in the construction of psychoanalytic theory with regard to the following aspects: as a method of exposure and essay, as an object of inspiration and enunciation of psychic paradigms and as a psychoanalytical object. For the development of this study we highlight the place that literature occupied in the work of the founder of psychoanalysis, Sigmund Freud. It was through literature and its literary anchoring that the founder effected in the culture its catalytic emergence. It is from this anchorage that the science created by him emerges, and it is through this that we glimpse one of the reasons that justify the actuality of his work, that is, the circumstance of its timelessness. In this sense, the question of the double facet of the master, literary and scientific, is also analyzed for the construction of his work.

KEYWORDS: psychoanalysis, literary creation, literature, double identity psychoanalyst-writer.

BIBLIOGRAFIA

- Alford, C. (1990). «Melanie Klein and the «Oresteia Complex»: Love, Hate, and the Tragic Worldview». In *Cultural Critique*, n.º 15, 167–189, University of Minnesota Press.
- Bonaparte, M. (1973 [1945]). «Some biopsychical aspects of sado-masochism». In H. M. Ruitenbeek (ed.), *The first freudians*. Nova Iorque: Jason Aronson, 164–193.
- Chaves, E. (2016). Prefácio a *Obras incompletas de Sigmund Freud, Arte literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica.
- David, N. (2003). *Love, Hate, and Literature: Kleinian Readings of Dante, Ponge, Rilke, and Sarraute*. Chicago: University of Chicago.
- Felman, S., Laub, D. (1992). *Testimony: Crises of Witnessing in Literature*. Londres: Routledge.
- Frankl, V. (2006). *Man's search for meaning*. Boston: Beacon Press.
- Freud, S. (1969 [1892]). «Prefácios e notas de rodapé à tradução de *leçons du mardi*, de Charcot». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. III. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1905,1901]). «Fragmento da análise de um caso de histeria». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1908]). «Escritores criativos e devaneio». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. IX. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1910a]). «Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1910b]). «A concepção psicanalítica da perturbação psicogénica da visão». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XI. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1916]). «Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1917a]). «Conferências introdutórias à psicanálise». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1917b]). «Os caminhos da formação dos sintomas». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1919]). «O estranho». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1920]). «Uma nota sobre a pré-história da técnica de análise». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969 [1928]). «Dostoievski e o parricídio». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1969, [1930]). «O mal-estar na civilização». In *Obras completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago.
- Gay, Peter (1989). *Freud, uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Grimbert, P. (2004). *Un secret*. Paris: Grasset & Fasquelle.
- Grosskurth, P. (1987). *Melanie Klein: Her Word and Her Work*. Cambridge: Harvard University Press.
- Jacobs, A. (2008). *On Matricide: Myth, Psychoanalysis, and the Law of the Mother*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- Jones, E. (1967 [1949]). *Hamlet et Œdipe*. Paris: Gallimard.
- Klein, M. (1985 [1955]). «Sobre a identificação». In *Obras completas de Melanie Klein*, vol. III, *Inveja e Gratidão e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Mijolla-Mellor, S. (2004). *Le Besoin de Croire. Métapsychologie du Fait Religieux*. Paris: Dunod.
- Milner, M. (1952). «Aspects of Symbolism in Comprehension of the Not-self». *The International Journal of Psychoanalysis*, 33: 181–195.
- Ogden, T. (1992). *Projective Identification and Psychotherapeutic Technique*. Londres: Karnac Books.
- Ogden, T. (1991). «Un analisis de la matriz de la transferencia». In *Libro Anual de Psicoanálisis*, Londres/Lima: The British Psycho-Analytical Society/Ediciones Psicoanalíticas Imago S.R.L.
- Pontalis, J.-B. (2014). *Freud com os escritores*. São Paulo: Três Estrela.
- Prater, D., Berlin, J., Lindken, H.-U. (2004). *Stefan Zweig Correspondencia com Sigmund Freud, Rainer Maria Rilke y Arthur Schnitzler*. Barcelona/Buenos Aires/Cidade do México: Paidós.
- Roudinesco, E. (1999). *Pourquoi la psychanalyse?*. Paris: Fayard.
- Rank, O. (2013). *O duplo: um estudo psicanalítico*. Porto Alegre: Dublinense.
- Santos, V. (2017). «Freud com os escritores» [recensão crítica a J-B Pontalis]. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 37[1]: 63–65.
- Stefana, A. (2019). «Revisiting Marion Milner's work on creativity and art». *The International Journal of Psychoanalysis*, vol. 100, 128–147.
- Sharpe, E. (1967 [1929]). «L'impatience d'Hamlet». In *Hamlet et Œdipe*. Paris: Gallimard.
- Vera, A. (2003). *escrito na margem*, Lisboa: Colibri.
- Waintrater, R. (2017). «De l'écriture comme possible réparation de l'être». Conferência na Université Denis-Diderot, em 11 de dezembro.
- Waintrater, R. (2003). *Sortir du génocide. Témoigner pour réapprendre à vivre*. Paris: Payot.
- Winnicott, D. (1975). *Je et réalité*, Paris: Gallimard.